

As idades, as capacidades e a velhez

Francine de Souza Dias

[Assistente Social. Doutora em Saúde Pública - Ensp/Fiocruz]

Os ideais de capacidade nos rondam desde o nascer. De muitas maneiras, vamos internalizando, reforçando e multiplicando um bocado de ideias e práticas que, exaltadas pela performance e pela destreza, também informam o pânico moral em torno do seu oposto: as temporalidades outras, o corpo que se modifica com o tic-tac do relógio, as necessidades de apoio, as dificuldades ou impossibilidades de realizar atividades diversas, as alterações funcionais que dinamizam o corpo vivente.

Noções de capacidade e incapacidade nos rondam desde o ventre parideiro da vida.

Acompanham nossas formas e performances intrauterinas, seja ao semear o ventre com inovações científicas, seja pelo aprimoramento de intervenções cada vez mais precoces, empenhadas não somente com o fazer viver mais, mas, sobretudo, com o melhoramento da vida que se estende, das formas e tipos de vida. Antes de nos constituirmos existência, já somos atravessados pelas ideias de vida que valem ou não valem a pena existir, das vidas que são ou não desejáveis.

É curioso como a régua é curta: você nasce e por um bom tempo é apequenado demais.

Não é considerado suficiente, preparado, consciente, habilidoso, capaz.

Quando alcança a idade cuja formalidade jurídica te lança ao mundo de outro modo, a imaturidade ainda é elemento estruturador dos limites. Também é notável a linha tênue entre o adulto ainda imaturo e aquele pronto, altivo, finalmente capaz.

Mas a vida capitalista é tão salafrária que se manter sob a corda bamba da capacidade, mesmo nesse universo exaltadamente produtivo, ainda é intento desafiador.

E nos adoecemos individual e coletivamente. O desafio é super potencializado se observadas as interações entre marcadores sociais da diferença: raça, etnia, classe, gênero, geração, deficiência, território e tantos outros.

Tem gente que nunca chega lá. Se manter reconhecida e publicamente capaz é para poucos.

São diversos os privilégios a somar e muito frequentemente a conta não fecha.

E mesmo que a tarefa seja bem sucedida, durante algum período e para alguns, ela rapidamente é cindida pela própria passagem do tempo, pois, para muitos, a data de nascimento informa prazo de validade da vida em comum e das próprias capacidades individuais de uma pessoa. E as marcas desse tempo, aquelas que formam mapas, geografias em nossos corpos, que contam nossas histórias encarnadas, devem ser cada vez mais evitadas, disfarçadas, eliminadas.

O tempo passa, a idade avança, mas a velhez nos constitui desde a chegada ao mundo.

Evoco os sentidos de velhez como provocou Manoel de Barros ao afirmar que só narra nascimentos.

Trago a velhez como despotência, impossibilidade de *deslimitar* as percepções para o novo, para reconhecer a pluralidade, as diversidades, as diferenças. Evoco a velhez como matéria de desencante, cristalizadora do capacitismo,

do idadismo, do racismo, do sexismo. Evoco a velhez nas provocações de Elton Luiz:

distanciando-a dos sentidos do envelhecimento, aproximando-a do que há de conservador e reacionário.

A velhez é artimanha colonial, constitui esse horror ao envelhecimento, integra *as gramáticas do capacitismo*

ao hierarquizar corpos envelhecidos, destituindo-os de valor, de pertenças,

de possibilidades na comunalidade. Há de se reaprender a viver no plural. De maneira criativa, reconstruir territórios existenciais onde as diferenças sejam celebradas, as idades não justifiquem hierarquizações, os mais novos e os mais velhos sejam mais do que um emaranhado sociodemográfico que indica quem produz e quem onera esse sistema moedor de gente. É preciso fazer das idades um *inutensílio*, fazer ruir os atributos “produtiva”, “ativa”, revalorizar nossas existências, experiências oportunizadas em cada tempo, atravessadas por tantas dimensões materiais e simbólicas. É preciso construir um futuro no qual nossas existências sejam possíveis no curso de toda uma vida. Ou o encastelamento da produtividade, da atividade e das capacidades nas estruturas da velhez, continuarão a produzir as correntes que nos limitam desde o primeiro suspiro e que aprisionam todos nós no próprio tempo. ■ ■ ■